

Discurso e Argumentação

— o Ilane Ferreira Cavalcanti

Governo Federal
Ministério da Educação

Projeto Gráfico

Secretaria de Educação a Distância – SEDIS

EQUIPE SEDIS | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

Coordenadora da Produção dos Materiais

Marta Maria Castanho Almeida Pernambuco

Coordenador de Edição

Ary Sergio Braga Olinisky

Coordenadora de Revisão

Giovana Paiva de Oliveira

Design Gráfico

Ivana Lima

Diagramação

Ivana Lima

José Antônio Bezerra Júnior

Mariana Araújo de Brito

Vitor Gomes Pimentel

Arte e Ilustração

Adauto Harley

Carolina Costa

Heinkel Huguenin

Revisão Tipográfica

Adriana Rodrigues Gomes

Design Instrucional

Janio Gustavo Barbosa

Luciane Almeida Mascarenhas de Andrade

Jeremias Alves A. Silva

Margareth Pereira Dias

Revisão de Linguagem

Maria Aparecida da S. Fernandes Trindade

Revisão das Normas da ABNT

Verônica Pinheiro da Silva

Adaptação para o Módulo Matemático

Joacy Guilherme de Almeida Ferreira Filho

Revisão Técnica

Rosilene Alves de Paiva



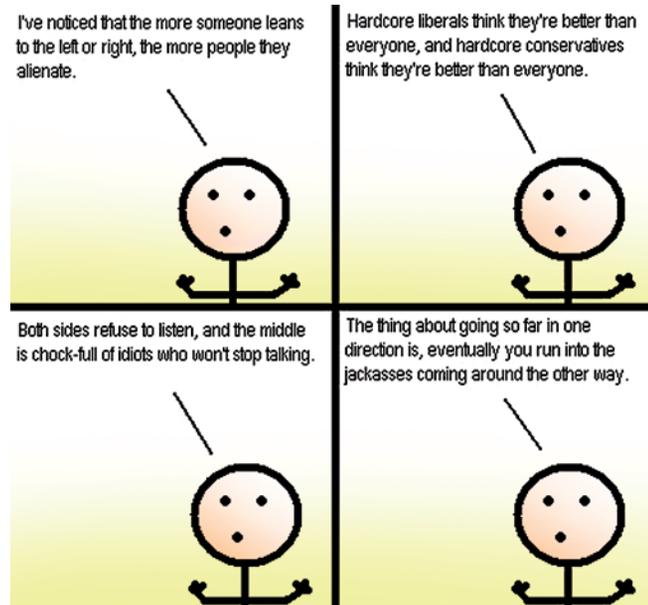
**Você verá
por aqui...**

Alguns textos de caráter argumentativo de diversas naturezas, como charges e artigos de opinião que treinarão a sua capacidade de leitura em língua inglesa através das estratégias já aprendidas em aulas anteriores. Você também verá, nesta aula, alguns dos recursos utilizados na argumentação e algumas falhas possíveis de detectar em textos dessa natureza.

- Aplicar técnicas de leitura em gêneros textuais cuja intenção comunicativa principal seja argumentar e persuadir.
- Conhecer alguns dos recursos mais comuns em textos de caráter argumentativo.

Objetivo

Para começo de conversa...



Fonte: http://tbn1.google.com/images?q=tbn:9T7ps_HSJhDKTM:http://img.photobucket.com/albums/v166/ryanmediocre/BC03-15.jpg
Acesso em: 7 out. 2008.

Nos quadrinhos expostos acima, você vê um personagem que fala acerca do radicalismo na política, sobre os que seguem *left* ou *right* os quais, ele afirma, se forem correr cada um nessa direção contrária, acabarão chocando-se uns com os outros.

Essa é uma opinião um tanto irônica do personagem e é justamente sobre textos que emitem opinião e a fundamentam em uma argumentação visando a persuadir o leitor que trataremos nesta aula.

Criticizing Opinion

Uma opinião é uma idéia pessoal de alguém acerca de fatos que podem ou não ser verificáveis. Uma opinião, portanto, não é um fato, pois não foi ainda comprovada e não necessariamente o será. A opinião só será um fato se for verificada.

Em geral, ao escrevermos um texto de opinião, procuramos nos amparar em argumentos que construam o nosso pensamento de maneira lógica e convençam o leitor. Por isso denominamos os textos de opinião como textos argumentativos.

Os textos argumentativos podem circular em diversas situações, no âmbito jurídico, no âmbito político, no jornalístico, no acadêmico. Alguns gêneros textuais argumentativos são:

- falas no Congresso ou Câmara;
- debates;
- editorial;
- acusação ou defesa em um julgamento;
- ensaio;
- propaganda.

Para ler bem um texto argumentativo, o leitor precisa não apenas compreender o texto, mas pensá-lo criticamente. É preciso compreender o ponto de vista do autor, sua intenção comunicativa, o método que o embasa e ter o suporte crítico necessário para discutir com aquele texto, ou seja, para estabelecer relações entre o conhecimento que ele traz e o conhecimento de mundo que circula acerca do tema discutido no texto, ou o conhecimento científico estabelecido sobre o tema, enfim, o máximo de conhecimentos que você puder dispor para estabelecer relações entre o ponto de vista do autor e o de outros autores acerca do mesmo assunto.

Assim, a boa leitura de um texto argumentativo exige que você, como leitor, siga algumas etapas:

1. Identifique a tese, ou idéia central, defendida pelo autor.
2. Identifique as palavras-chave, isto é, aqueles termos ou expressões fundamentais para a compreensão do texto.
3. Faça o levantamento do vocabulário que você ainda não conhece sobre o assunto e busque o seu sentido.
4. Observe a forma como o autor organiza suas idéias.
5. Identifique o suporte de apoio à tese do autor, ou seja, os exemplos, as ilustrações, os argumentos que ele utiliza.

Feita essa análise prévia, que é típica da compreensão geral de leitura, você pode passar à crítica propriamente dita, ou seja, à sua avaliação acerca do que está dito sobre o tema e acerca da propriedade da argumentação mesma. Assim, à medida que você lê, é bom fazer anotações que demonstrem o que você está compreendendo do texto, indicando os pontos com os quais você concorda e os pontos de que você discorda, e o porquê de sua opinião. Também é interessante marcar, no texto, os pontos em que você identifica contradições, fraquezas na argumentação, etc. A partir dessa análise, você pode questionar o texto sob diversos aspectos, com perguntas como:

- 1.** O texto apresenta fatos ou apenas opiniões?
- 2.** As opiniões do autor estão bem embasadas? Ou são muito generalistas?
- 3.** As idéias estão desenvolvidas de forma lógica e convincente?
- 4.** O autor deixa de dizer coisas que seriam relevantes para o tema?
- 5.** O autor dá ênfase a dados irrelevantes, quando poderia ter utilizado outros mais importantes?
- 6.** Qual a autoridade do autor para discutir o assunto?
- 7.** O texto está incluído em alguma fonte respeitável (jornal, revista, site)?

Lembre-se de que dificilmente você conseguirá analisar todos os detalhes de um texto, a não ser que ele seja curtíssimo. Assim, elaborar essas questões ajuda a manter o foco nas coisas realmente importantes da análise. Da mesma forma, se o texto for muito amplo, é mais interessante que sua leitura crítica volte-se para algum aspecto em particular. Você pode, nessa crítica mais detalhada, também fazer questionamentos.

- 1.** Sobre a tese: ela é convincente? É lógica? Você concorda ou discorda com ela?
- 2.** Sobre os detalhes da argumentação: seguem uma seqüência lógica? Dão verdadeiro suporte à tese? Você concorda ou discorda com eles? Por quê?
- 3.** Organização do texto: como o texto se organiza? Como o autor faz as idéias progredirem? Há coerência nessa progressão?
- 4.** O tema propriamente dito: é examinado em vários aspectos? O autor pensa em todos os ângulos possíveis ou centra-se em um determinado ângulo? O autor é convincente? Por quê?



Praticando...

1

1. Observe a charge a seguir e faça uma análise de seu conteúdo opinativo, a partir das questões:

a) Independente do diálogo verbal apresentado, o que a cena da charge sugere?

b) Pensando o autor da charge como o enunciador, qual o tema do texto?

c) Qual a opinião desse autor acerca do tema?

d) Os elementos visuais e o discurso do personagem funcionam como argumentos? Justifique.



Fonte: <http://www.learnenglishonline.org/en/upimg/allimg/0611/1_13060200.GIF>. Acesso em: 7 out. 2008.

Elements of argument

O tempo todo, em nosso dia a dia, precisamos fazer escolhas e emitir opiniões. Sempre que emitimos opiniões, temos o desejo de convencer os nossos interlocutores de que nossa opinião é a mais adequada não é mesmo?

Muito bem, para convencer, precisamos argumentar. Para argumentar, precisamos não só escolher bem os fatos que vão amparar os nossos argumentos, mas, principalmente, saber organizar bem e logicamente as nossas idéias.

Isso significa dizer, portanto, que há alguns elementos que são recorrentes em todos os textos argumentativos. Vamos nos deter rapidamente sobre cada um desses elementos.

These

Também chamada de idéia central, a tese é sempre uma opinião acerca de alguma coisa sobre a qual o texto vai se desenvolver. A tese pode representar um julgamento sobre alguma coisa, pode oferecer uma solução, fazer uma recomendação ou apenas explicar algo. Observe algumas teses:

Exemplo 1

Adding a “multiracial” category to the U.S. Census would be harmful to the African-American community.

A tese do exemplo 1 apresenta um juízo de valor sobre a adição da categoria multirracial no censo dos EUA. O mesmo tema poderia ser explorado, como tese, de outra maneira. Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 2

The United States Census should add a “multiracial” category to the next census survey.

Nesse caso, a tese, ao invés de emitir um claro juízo de valor, expressa uma recomendação. O que mudou no texto, do primeiro exemplo para o segundo? Isso mesmo, o uso do modalizador do verbo: *should add*. Um verbo modalizador que implica numa recomendação, enquanto no primeiro exemplo, passa-se da ação, *adding*, para a opinião *would be harmful*.

Mas ainda há outras possibilidades de explorar o mesmo tema sob outra perspectiva. Observe:

Exemplo 3

The call for the addition of a “multiracial” category to the U.S. Census shows that Americans are getting tired of strict racial divisions and becoming more aware of how complex racial identity can be.

Aqui, já não se dá apenas a opinião, nem se faz uma recomendação, explica-se algo que já aconteceu com a finalidade de argumentar de que forma essa ação passada parece ter influenciado numa mudança de visão da sociedade.

Supporting Ideas and Evidence

A idéia central, ou tese, sempre usufrui do suporte de argumentos, como já dissemos anteriormente. Esses argumentos, por sua vez, para funcionarem bem, necessitam ser elaborados a partir de dados comprováveis ou verídicos. Assim, é comum utilizar exemplos, ilustrações, argumentos de autoridade, dados estatísticos, isto é, elementos de diversas naturezas que contribuam para dar veracidade aos argumentos e, dessa forma, maior credibilidade à tese e ao texto em si.

Observe o texto a seguir:

Death tax

Quando o membro de uma família norte-americana herda um negócio familiar após a morte de seu proprietário, ele não apenas paga taxas pelo valor líquido herdado, ele chega a pagar cerca de 55% do valor herdado em taxas que incluem o valor do terreno, da localização, do edifício, do equipamento, entre outros. Como essas taxas são bem altas, muitos herdeiros acabam sem conseguir pagar, entrando em falência ou liquidando seu negócio.

Texto 1

Monday, May 24, 2004

Copyright © Las Vegas Review-Journal

EDITORIAL: Kill the death tax

Sen. Harry Reid holds the key

The very rich aren't campaigning against the death tax, because they don't pay it.

The death of a Kennedy or Rockefeller is a non-event to the taxmen. Such ultra-wealthy families have retained the best estate-planning lawyers and bankers for generations. Their assets are held in virtually immortal family trusts and foundations.

So who does pay the estate tax? The surviving children of moderately wealthy farmers and businessmen who leave behind ongoing enterprises worth more than \$3 million.

Think that could never be you? If you're a business owner or even just a homeowner with some savings and investments, better have someone re-check the value of your own estate – and then consider inflation.

The death tax actually creates concentration of business ownership – as well as destroying American jobs – while costing as much to administer as it brings in. That's why all but 13 states have gotten rid of their own death taxes. That's why Australia eliminated its own death tax a decade ago.

When family-owned American machine shops have to be sold off to satisfy the death taxes, where do you suppose those machines go, these days? To places like Indonesia, as often as not – taking their jobs with them.

Most Americans still believe in the American dream. If they don't expect to be rich themselves, they hope their children will be. And why would a business owner continue to expand and create new jobs if he had no hope of leaving anything to his kids and grandkids?

Even liberal congressmen from Hawaii are voting to eliminate the federal estate tax, because they realize it forces heirs to sell off the island's limited remaining forest and ranch lands, where the new owners immediately start throwing up condominiums to pay off borrowed capital.

So – with national polls showing 70 to 80 percent of Americans think the death tax is unfair – why on earth hasn't the U.S. Congress gotten rid of it?

The proposal has already passed the House by a wide margin. But Senate Democrats such as Tom Daschle fear eliminating the death tax will be seen as an election year “win” for George Bush.

But Nevada has a Democratic senator with the power to change all that, by doing the right thing for Western ranchers, farmers and business owners.

Supporters are just a couple votes short of the 60 they'd need to push this through the Senate. In fact, this country could probably get rid of its regressive death tax, once and for all, right now, if Sen. Harry Reid would join the righteous crusade for its repeal.

Fonte: <http://www.reviewjournal.com/lvrj_home/2004/May-24-Mon-2004/opinion/23940408.html>.

Acesso em: 7 out. 2008.

O texto 1 é um editorial (gênero próprio de jornais e revistas, que emite a opinião daquele veículo sobre um determinado tema importante do momento) que claramente se coloca contra o pagamento da *Death tax* americana. Como sabemos isso? O próprio título do editorial nos diz isso:

EDITORIAL: Kill the death tax

No imperativo, o título nos apela para *kill* (matar) a *death tax*. Como o leitor poderia matar essa cobrança? O leitor poderia se perguntar. Por isso, o subtítulo do editorial indica:

Sen. Harry Reid holds the key

O *Senador Harry Reid holds the key*, ou seja, tem a chave, tem a resposta para essa pergunta do leitor.

O texto passa, então, a defender essa idéia central de acabar com essa cobrança, a partir da primeira sentença:

The very rich aren't campaigning against the death tax, because they don't pay it.

Essa sentença funciona como um primeiro argumento. *The rich don't pay the death tax.* O leitor poderia voltar a perguntar: por quê? O próprio texto oferece a resposta logo a seguir:

The death of a Kennedy or Rockefeller is a non-event to the taxmen. Such ultra-wealthy families have retained the best estate-planning lawyers and bankers for generations. Their assets are held in virtually immortal family trusts and foundations.

Essas *ultra-wealthy families*, diz o texto, *have retained the Best estate-planning lawyers and banks for generations.* Assim, seus bens *are held in virtually immortal family trusts and foundations.*

É a vez, então, do próprio texto antecipar, não a resposta para uma possível pergunta do leitor, mas a própria pergunta. Se não são os mais ricos que pagam a *death tax*, então, quem paga?

So who does pay the estate tax? The surviving children of moderately wealthy farmers and businessmen who leave behind ongoing enterprises worth more than \$3 million.

E a resposta é imediatamente dada: *the surviving children of moderately wealthy farmers and businessmen.*

Observe como o texto tenta, a todo o momento, antecipar os questionamentos do leitor. Essa é a forma que o editor encontrou de fazer o texto soar apelativo para o leitor. Assim, ele conclama o leitor a aceitar a sua opinião e a, inclusive, ajudá-lo contra a lei, apoiando o senador em sua campanha.

Think that could never be you? If you're a business owner or even just a homeowner with some savings and investments, better have someone re-check the value of your own estate – and then consider inflation.

Por isso, a próxima questão é direcionada ao leitor mesmo: *think that could never be you?* Existem possibilidades de ser você, leitor, o próximo a pagar essa taxa, diz o texto. E oferece as possibilidades desse fato acontecer (*If*).

Depois, o editorial, para dar maior veracidade e não se basear apenas em hipóteses, usa dados que indicam o abuso da cobrança:

The death tax actually creates concentration of business ownership – as well as destroying American jobs – while costing as much to administer as it brings in. That's why all but 13 states have gotten rid of their own death taxes. That's why Australia eliminated its own death tax a decade ago.

Assim, a *death tax actually* (cuidado com a falsa cognata!):

- *creates concentration of business ownership;*
- *destroys american Jobs;*
- *costs much to administer the inherited business.*

Por isso:

- *13 states have gotten rid of their own death taxes;*
- *Australia eliminated its own death tax a decade ago.*

Paremos por aqui, na análise desse texto em particular, pois todo ele irá se desenvolver seguindo esse modelo, ou seja, utilizando recursos como questões retóricas, simulando os questionamentos do leitor, acrescidas de respostas que utilizam dados comprováveis e justificativas que colocam o *Senador Harry Reid* como uma possível solução para o pagamento injusto do imposto.

Supporting ideas and Evidence

Esses são os elementos utilizados para embasar a *these*. Entre esses elementos você pode contar com argumentos de consenso, que seriam idéias já estabelecidas das quais ninguém duvida. No texto 1 você encontra a afirmação:

Most Americans still believe in the American dream. If they don't expect to be rich themselves, they hope their children will be.

Nesse momento, o autor apela para uma informação que é consenso, o fato de os Estados Unidos terem, entre a sua população, aqueles que acreditam no *american dream*, ou seja, nos EUA como a terra onde é possível realizar os próprios sonhos de prosperidade. O *american dream* é uma crença de consenso, ou seja, a maioria dos americanos reconhece que o país tem essa imagem para muitos nativos e também para muitos estrangeiros.

Evidências também são excelentes suportes para uma tese. É o caso de exemplos de outros países, como a afirmação do exemplo a seguir, também extraída do texto 1:

Even liberal congressmen from Hawaii are voting to eliminate the federal estate tax,

Nesse caso, dá-se exemplo de outro país, anexado política e economicamente aos EUA, em que a tal taxa já está sendo eliminada.

Outro exemplo de evidência podem ser dados de pesquisa, como os expostos no exemplo a seguir:

70 to 80 percent of Americans think the death tax is unfair

As evidências e os exemplos, no entanto, não funcionam sozinhos, é preciso relacioná-los ao tema e reforçá-los através da boa argumentação. Por isso, no texto, esses argumentos funcionam assim:

- **Evidência:** o Hawai está extinguindo a taxa;
- **Suporte argumentativo:** então porque os EUA a mantêm?
- **Evidência:** 70 a 80% dos americanos são contra a taxa.
- **Suporte argumentativo:** Então por que o congresso a mantêm?

Procure observar como os autores que você lê elaboram a sua argumentação e tente, para compreendê-los melhor, elaborar um esquema de seu pensamento que demonstre a tese, os exemplos, as evidências e as idéias de suporte para a argumentação. A prática levará você a ficar muito mais crítico em relação ao que for ler em qualquer língua.



1. Leia o texto a seguir e elabore um esquema (um *outline*) que indique a tese, os exemplos, as evidências utilizadas e os suportes argumentativos que relacionam esses elementos.

One Day Doesn't Make a Trend

By ANDREW ROSS SORKIN
Published: October 20, 2008

The banks aren't lending. And despite what you have heard, they probably won't start just yet.

The stock market may be way up on expectations of a credit thaw on Wall Street — and there has already been a minor one — but don't hold your breath on Main Street. The dirty little secret of the government's \$250 billion handout to nine banks to get them lending again is this: So far, they have stuffed it under their mattress like the rest of us.

Need a mortgage? An auto loan? If you are a business or consumer, it's almost as hard to get a loan this week as it was last.

Sure, there are some positive signs that the credit market is opening up a bit: Libor rates, the price at which banks lend to each other, have crept down in recent days, greasing the wheels of capitalism, or at least what's left of it. Some banks, like JPMorgan Chase and Citigroup, actually made loans to banks in Europe on Friday. These are all important steps on the way to a recovery.

But make no mistake, the banks are doing the opposite of what Henry M. Paulson Jr., the Treasury secretary, sought when he virtually demanded that they accept the taxpayers' money: They are hoarding it. It's a bit like the government's sending out tax rebate checks and the consumers' not immediately running out and spending them.

"Our purpose is to increase confidence in our banks and increase the confidence of our banks, so that they will deploy, not hoard, their capital," Mr. Paulson said in a statement Monday. "And we expect them to do so, as increased confidence will lead to increased lending. This increased lending will benefit the U.S. economy and the American people."

Of course, with a \$250 billion injection into America's biggest banks — not all of which were troubled — Mr. Paulson has a political sales job to do. And no requirements to lend were attached to the money. (Some banks may use the money to buy others.)

But Mr. Paulson is making a big assumption about confidence, because until the real economy recovers — which could take more than a year — lending to Main Street is unlikely to return rapidly to normal levels.

"It doesn't matter how much Hank Paulson gives us," said an influential senior official at a big bank that received money from the government, "no one is going to lend a nickel until the economy turns." The official added: "Who are we going to lend money to?" before repeating an old saw about banking: "Only people who don't need it."

Indeed, if there's a reason the stock market went up Monday, it was because Fed chairman Ben Bernanke told Congress he was in favor of a second economic stimulus plan, a tacit acknowledgment that recent efforts to repair the financial system won't be enough to dig the economy out of its rut.

Think about it: troubled companies are still troubled companies. And while banks often stupidly throw money at questionable companies in good times, they shut off the spigot in bad times.

On top of all that, the banks may still be in more trouble than they have disclosed. Indeed, the reason many may be holding onto the government's cash is because they expect things to get worse not just for the economy, but for themselves.

Roger Bootle and Jonathan Loynes of Capital Economics in London wrote a sobering note on Monday about the cash infusions into European banks that may apply here as well. "We expect rising loan defaults and further asset write-offs over the next couple

of years to practically wipe out the governments' capital injections, leaving banks back at square one," they said. "Given that banks will need to increase their capital in order to expand their lending book, these measures on their own are unlikely to prevent bank lending from stagnating."

What else can government do? One of the last arrows in its quiver is the controversial idea of reducing the amount of capital banks must hold. That might make the banks more comfortable to lend, but it would put banks on an even less stable footing, and undermines the overall idea of injecting capital into banks in the first place.

That is not to say that Mr. Paulson's \$250 billion package won't be helpful to the economy. It is a smart plan to help to encourage bank lending, which may prevent the economy from spiraling downward even more into a prolonged depression. And it should keep some more banks from going bust, which would have only added fuel to what seemed like an out-of-control fire. But it is not a silver bullet.

And the bailout also may be concealing another problem: Because the government gave money to both healthy and unhealthy banks, that may make it harder to tell which ones are in more trouble than the others. That's why banks have been so wary of lending to other banks. Although a key gauge of this psychology, the Libor rate, has improved since governments moved to repair the financial system, some banks are still worried they can't trust their counterparts to pay the loan back.

Ken Lewis, the chief executive of Bank of America, in an appearance on "60 Minutes" on Sunday night, said in perhaps one of the most revealing comments of the credit crisis that the reason strong banks like his got \$25 billion apiece was to help conceal the weakness of those that have fallen into dire straits.

"If you have a bank in that group that really, really needed the capital, you don't want to expose that bank," Mr. Lewis said.

Still, Mr. Lewis says he's bullish that things will eventually turn around, though he thinks we won't see a bottom until at least the first half of next year. And he suggested that banks won't keep money under the mattress forever. "You can make more money lending," he said.

At least to people who don't need it.

Fonte: <http://www.nytimes.com/2008/10/21/business/21sorkin.html?_r=2&ref=business&oref=slogin&oref=slogin>.
Acesso em: 21 out. 2008.

Bias and Logical Errors

Muitas vezes estamos lendo e percebemos que o fundamento do autor, ou seja, aquilo que dá suporte à sua tese é uma idéia um tanto preconceituosa ou muito pessoal. A isso podemos considerar um **bias**. Já discutimos aqui que todos os argumentos refletem uma posição do autor sobre determinado tema, por isso, definir bias não é uma coisa muito fácil, mas precisamos rejeitar argumentos que são apenas baseados em aspectos muito subjetivos, que não representam apenas uma idéia diferente da nossa, mas uma idéia que não tem fundamento verificável.

Um bom exemplo é quando uma empresa que fabrica *softwares* para proteger contra espionagem começa a afirmar que a Internet é perigosa baseada no argumento de que há espionagem eletrônica. Nesse caso, a empresa é movida por algo muito pessoal, *bias*, ou seja, ela argumenta em seu próprio favor, e sem uma sólida base argumentativa, apenas para fazer ver a importância de seu produto.

Outro tipo de falha argumentativa acontece quando falta uma base lógica na argumentação. O governo pode se basear na falsa idéia de que a população é incapaz de escolher um bom representante e embasar o pensamento argumentativo, até com dados históricos sobre antigos representantes que são mal vistos pela população, para argumentar em favor de uma ditadura, por exemplo. Mas a lógica dessa argumentação é falsa, porque a escolha dos representantes em uma eleição democrática se deve a inúmeros fatores ligados a questões históricas e sociais daquela sociedade naquele momento.

Também seria incorreto alguém afirmar, por exemplo, que o presidente de um país é desonesto, porque ele cobra muitos impostos. Evidentemente, falta um suporte lógico que ligue essas idéias.

Todas essas observações sobre recursos e problemas que podem ser identificados nas argumentações nos servem como elementos para compreendermos o quanto precisamos estar atentos ao planejamento das idéias que são desenvolvidas ao longo de um texto.



1. Identifique, nos textos a seguir, os enunciados que expressam a opinião do autor.

TEXTO 1

I, like all other human beings, expose to the world only my trimmed and perfumed and carefully barbered public opinions and conceal carefully, cautiously, wisely, my private ones.

- Mark Twain in Eruption

Leituras complementares

Você gostou da leitura de textos argumentativos, textos que demonstram a opinião de alguém e a embasam através de bons argumentos? Então procure jornais e leia mais as colunas de opinião e os editoriais. Como sugestão, aí vão alguns sites de jornais internacionais:

BBC NEWS. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/>>. Acesso em: 11 nov. 2008.

INTERNATIONAL HERALD TRIBUNE. Disponível em: <<http://www.ihb.com/>>. Acesso em: 11 nov. 2008.

TIMES ON LINE. Disponível em: <<http://www.timesonline.co.uk/tol/news/>>. Acesso em: 11 nov. 2008.



Resumo

Nesta aula, você tomou contato com alguns textos opinativos e argumentativos de diferentes espécies e estudou acerca dos recursos mais utilizados para elaborar textos dessa natureza, tais como a tese, os exemplos e as evidências. Também viu que, em alguns casos, é possível identificar falhas no processo de comunicação, a partir da utilização de opiniões muito pessoais ou preconceituosas ou quando se incorre em falta de lógica na base da argumentação.



Auto-avaliação

1. Você vai encontrar alguns textos argumentativos a seguir. Identifique qual a tese e quais os argumentos apresentados para defender cada uma das teses apresentadas.

TEXTO 1

LETTER FROM A READER

16:27 GMT +00:00

If you go into the woods, September 27th

Facts about AIDS

SIR – You published an article on science research that contained a major error (“All colours of the brainbow”, October 11th). It stated that “Dr [Robert] Gallo had initially suggested that AIDS was caused by HTLV-1, a virus that no one disputes he discovered.” Yes, my colleagues and I discovered HTLV-1 in 1980 and HTLV-2 (the second known human retrovirus) in 1982. However, I never stated that HTLV-1 was the cause of AIDS.

In May 1982 my colleague, Max Essex, and I were the first to propose that AIDS was probably caused by a new human retrovirus. Our hypothesis was that the new AIDS-causing retrovirus would be in the HTLV family. In 1983 my group obtained many independent isolates of a new retrovirus from AIDS patients. Prior to submitting this research for publication, our lab produced 48 samples of this virus and at first called it HTLV-III, to designate it as the third known human retrovirus. This was in keeping with an international nomenclature agreement at Cold Spring Harbour in September 1983.

Soon after, a group met to designate the generic name to these virus isolates as HIV. However, one journalist writing in the early years of HIV/AIDS in the United States fanned the notion that I said HTLV-1 was the cause of AIDS. Unfortunately, this inaccuracy continues 25 years later.

It would have to be remarkably senseless of me to think that HTLV-1 itself caused AIDS. This is in view of the fact that we knew HTLV-1 was a very ancient infection of humans and AIDS was a relatively new disease spreading rapidly. HTLV-1 spread very slowly, caused leukaemia, neurological disease and minor immune impairment, but never major immune impairment as occurs in AIDS.

Dr Robert Gallo
Director
Institute of Human Virology
University of Maryland
Baltimore

Fonte: <http://www.economist.com/opinion/displayStory.cfm?story_id=12675868>. Acesso em: 7 out. 2008.

TEXTO 2

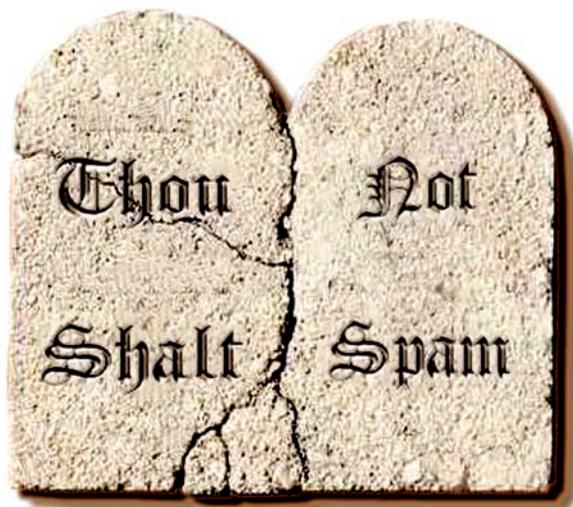
CHARGE



Fonte: <http://z.about.com/d/politicalhumor/1/0/P/z/1/public_opinion_polls.jpg>. Acesso em: 21 out. 2008.

TEXTO 3

ADVERTISEMENT



NO SPAMMING

There is ZERO TOLERANCE for commercial advertisements of ANY kind. Obvious spam profiles will be BANNED. Spam can also be posting repeated, though different topics or repeatedly posting a topic that has been deleted by a mod.

Fonte: <<http://forums.myspace.com/t/3713430.aspx?fuseaction=forums.viewthread>>. Acesso em: 21 out. 2008.

Referências

BIAS and logical errors. Disponível em: <<http://iws.ohiolink.edu/~sg-ysu/bias.html>>. Acesso em: 7 out. 2008.

COBUILD, Collins. **Student's dictionary plus Grammar**. London: Harper Collins Publishers, [200-?].

CRITICAL reading. Disponível em: <<http://iws.ohiolink.edu/~sg-ysu/critread.html>>. Acesso em: 7 out. 2008.

ELEMENTS of argument. Disponível em: <<http://iws.ohiolink.edu/~sg-ysu/argu.html>>. Acesso em: 7 out. 2008

PLANNING your argument. Disponível em: <<http://iws.ohiolink.edu/~sg-ysu/plan.html>>. Acesso em: 7 out. 2008.

SUPPORTING Ideas and Evidence. Disponível em: <<http://iws.ohiolink.edu/~sg-ysu/support.html>>. Acesso em: 7 out. 2008.

SWAN, Michael. **Basic English Usage**. Oxford: Oxford University Press, 1984.

THESIS. Disponível em: <<http://iws.ohiolink.edu/~sg-ysu/thesis.html>>. Acesso em: 7 out. 2008.

YAMAMOTO, M. E.; JARRETA, I. T. D. Comparison of primatological literature in Latin American, European and African Countries. **International Journal of Primatology**, v. 20, n. 2, p. 281 – 290, 1999. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/q263u202561r7012/fulltext.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2008.



Ministério
da Educação

